



XXII DOMINGO DO TEMPO COMUM - C

A palavra de Deus de hoje gira em torno desta frase do Evangelho: “Quem se eleva, será humilhado e quem se humilha, será elevado”. A I leitura, do Eclesiástico, é um prelúdio a este tema: “Na medida em que fores grande, deverás praticar a humildade, e assim encontrarás graça diante do Senhor... ele é glorificado pelos humildes”. – Este ensinamento sobre a humildade se traduz em imagens concretas na parábola evangélica dos lugares à mesa. Jesus não dá uma simples norma de comportamento à mesa ou de sabedoria humana. Em sua boca, esta palavra, em si de sabedoria natural, torna-se palavra de vida eterna. O banquete, a festa de casamento, de que fala, é o banquete escatológico; entre a escolha do lugar de parte dos convidados e a intervenção do dono da casa, que convida a avançar ou retroceder, existe no meio o salto desta para a outra vida; está no meio o juízo final. A relação não é entre dois homens, mas de fato entre o homem e Deus.

Jesus conclui a parábola dizendo: “Quem se humilha, será elevado”. Mas o que significa humilhar-se? Para descobrir-se o que é a verdadeira humildade, temos, como sempre, que interrogar a Jesus. Ele certa vez disse: “Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração”. De fato, em todo o Evangelho, não se nota nos lábios do Senhor, ainda que mínima, admissão de culpa; ele é possivelmente o único homem que passou nesta terra sem nunca admitir ter errado, sem pedir perdão por alguma coisa, nem mesmo a Deus. Esta é uma prova formidável de sua divindade.

Apesar disso ele diz: “Aprendei de mim que sou humilde”. Que ele fez para ser humilde? Jesus se abaixou, desceu: não com palavras, ou com sentimentos, mas com fatos. Encontrando-se na condição divina, não considerou um tesouro a que se apegar ciosamente à sua igualdade com Deus, mas despojou-se de si mesmo, tomou o aspecto de servo e tornou-se semelhante aos homens: humilhou-se e tornou-se obediente até à morte, como diz a Carta de S. Paulo aos Filipenses. E sempre foi coerente com esta opção: ele, o Mestre, se abaixa para lavar os pés dos discípulos, comporta-se “como aquele que serve”; não faz se não descer, descer até que chegando ao ponto mais baixo, no túmulo, vem o Pai e o ergue, o levanta acima dos céus e o coloca como cabeça do universo, pondo

tudo debaixo de seus pés. Eis como o próprio Deus cumpriu sua palavra: “Quem se humilha, será elevado”. Daqui em diante ser humilde significa uma coisa: “ter os mesmos sentimentos que foram os de Cristo Jesus”, comportar-se como Jesus se comportou.

Eis, pois, a humildade evangélica: ela é uma questão de fatos, de escolhas, de atitudes concretas, não um modo de falar de si. Humildade é abaixar-se, fazer-se pequeno. É disponibilidade para descer de nós próprios, abaixar-se em direção aos irmãos, é vontade de servir, de servir por amor, não por cálculo, visando alguma vantagem ou glória.

A humildade é gratuidade: isto ilumina a segunda parte do Evangelho de hoje, que aparentemente trata de outro assunto. “Quando tu deres um almoço ou um jantar – diz Jesus - não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem teus vizinhos ricos. Pois estes poderiam também convidar-te e isto já seria a tua recompensa. Convida os pobres, porque eles não te podem retribuir”. Aqui se vê bem que a humildade evangélica não é outra coisa se não uma manifestação particular do amor de doação. Ser humilde, segundo o modelo de Jesus, significa perder-se, gastar-se gratuitamente, não viver para si, mas para os outros. Por isso o vangloriar-se, o buscar a aprovação e a glória, se opõem à humildade, eis que anulam a gratuidade.

O valor da humildade, que buscamos descobrir nestas palavras despretensiosas, parece bem o contrário da sabedoria deste mundo. O mundo exalta o orgulho, o subir na vida, não o descer, o aproveitar-se dos outros, não o ceder aos outros.

Uma última palavra sobre os frutos da humildade. Eles são inumeráveis e esplêndidos; a humildade é o fundamento de todas as virtudes. Santo Agostinho diz: “Quanto mais alto queres que seja o edifício da santidade, tanto mais profundo é necessário que ponhas o fundamento da humildade”. Daí São Bento valorizar tanto esta virtude, fundamental para os monges. Ele começa o famoso capítulo VII de sua Regra, citando justamente as palavras do Evangelho de hoje: “Quem se eleva será humilhado, quem se humilha será elevado”. A humildade é o sal da santidade, pois preserva qualquer virtude do perigo de perder-se por vanglória. Aceno apenas a um fruto da humildade, o de que trata a I leitura: o humilde é amado por Deus. Deus que resiste aos soberbos, dá graça aos humildes; Deus olha o humilde, e o olhar de Deus é a nossa vida: “Sobre quem voverei o olhar? diz Deus: sobre o humilde e o de coração contrito” (Is 66, 2). Todo o resto – o céu e a terra – é já de Deus, mas a humildade é um fruto excelente, que ele não

pode encontrar em nenhum ponto do universo a não ser no coração de sua criatura, que ele fez livre.

A humildade nos faz ser amados por Deus, mas também pelos homens. Os homens não a entendem, mas de instinto entendem e amam quem é humilde, modesto, simples, desinteressado. A humildade desarma; a melhor autodefesa não vale o menor ato de humildade.

Existe um salmo, o 130, que canta a paz do humilde; é uma pequena joia; o direi como oração final: “Senhor, meu coração não é orgulhoso, nem se eleva arrogante o meu olhar; não ando à procura de grandezas, nem tenho pretensões ambiciosas. Fiz calar e sossegar a minha alma, ela está em grande paz dentro de mim, como a criança bem tranquila, amamentada no regaço acolhedor de sua mãe”. Amém.

Dom José Palmeiro Mendes, OSB
Mosteiro de São Bento/RJ